

## Reflexões sobre memória e oralidade em *Becos da memória* de Conceição Evaristo

---

### Reflections about memory and orality on *Becos da memória* by Conceição Evaristo

Jurema Oliveira\*  
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Mileide Dias\*  
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

117

---

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão sobre a obra *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, abordando questões sobre a memória e seus mecanismos: oralidade, tempos do narrar, foco(s) narrativo(s), partindo dos estudos sobre: memória e a importância dos mais velhos de Ecléa Bosi, tradição viva de Hampâté Bâ e do tempo passado de Beatriz Sarlo. Por meio da abordagem que comunga texto literário, textos críticos e teóricos, constatou-se que lembrar e escrever, além de entrelaçarem passado e presente, o novo e o velho, oralidade e escrita, são ações importantes para a manutenção da memória e da identidade não só de quem enuncia, no caso dessa obra, a mulher negra, Maria-nova, mas também de uma coletividade. Ademais, verificou-se que os becos da memória podem ser alargados para enunciação dos discursos do lembrar, os quais podem fomentar mudanças a quem os enuncia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Maria-Nova. *Becos da memória*.

**ABSTRACT:** This article aims to present a reflection about the work *Becos da memória*, by Conceição Evaristo, addressing issues about memory and its mechanisms: orality, times of narrate, narrative(s) focus(ci). For this, it starts from the studies about memory and the importance of elders by Ecléa Bosi, “alive tradition” by Hampâté Bâ, and finally “the past time”

---

\* Pós-Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/PNPD/Capes).

\* Mestranda na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

by Beatriz Sarlo. Through the approach that associates literary and critics-theoretical texts, it was found that remembering and writing, which intertwines past and present, the new and old, orality and written, are very important for the maintenance of memory and identity. And this not only for those who enunciate, in the case of this work a black woman, Maria-nova, but also for a collectivity. In addition, it was found that the alleys of memory can be broadened to enunciate the remembering discourses, which ones can encourage changes to those who state them.

**KEYWORDS:** Memory. Maria-Nova. *Becos da memória*.

Na face do velho  
as rugas são letras,  
palavras escritas na carne,  
abecedário do viver.  
Na face do jovem  
o frescor da pele  
e o brilho dos olhos  
são dúvidas.  
Nas mãos entrelaçadas  
de ambos,  
o velho tempo  
funde-se ao novo,  
e as falas silenciadas  
explodem  
O que os livros escondem,  
as palavras ditas libertam.  
E não há quem ponha  
um ponto final na história [...]  
É preciso eternizar as palavras  
da liberdade ainda e agora...

(Conceição Evaristo)

A memória associada à negra e ao negro no Brasil, durante muito tempo, apresentou (e por vezes, continua apresentando) aspectos desconexos: ora pela estereotipização, ora pelos silenciamentos. Há na história, dita oficial, um apagamento do discurso negro; fato que começou logo quando os africanos foram sequestrados de África e escravizados no Brasil. Nesse período, houve uma severa imposição de costumes aos africanos para silenciar sua cultura.

A literatura negra-brasileira, a contrapelo, produz um discurso que inscreve o povo negro nas páginas dos livros, com seus traços, suas cores, suas crenças, seus costumes, seus sentimentos. Desse modo, o objetivo deste artigo é fomentar reflexões sobre a memória - destacando alguns dos seus mecanismos - analisando a obra *Becos da memória* de Conceição Evaristo, e evidenciando o

quanto os atos: lembrar e escrever estão diretamente relacionados à identidade do sujeito da enunciação.

A obra de Conceição Evaristo abre espaço para discussões negadas e/ou negligenciadas por muito tempo. É importante salientar: a escrita dessa autora é pautada nas vivências de idosos, crianças, seres periféricos, de toda a população negra. Especificamente em *Becos da memória*, há uma narradora. Quem enuncia ocupando o lugar de fala é uma mulher negra! Aquela, outrora silenciada pela História oficial, hoje narra suas próprias histórias e as herdadas dos seus mais velhos, por meio da Literatura.

A obra em análise, escrita durante a década de 80, porém publicada apenas em 2006, conta histórias de personagens que passaram por um processo de demolição da favela onde moravam e sobreviveram à margem da sociedade. São elas: prostitutas, empregadas domésticas, lavadeiras, pedintes, pedreiros. O desfavelamento é narrado com tom memorialístico, como a autora afirma: “*Becos da memória* é uma criação que pode ser lida como ficções da memória [...]” (EVARISTO, 2013, p. 13. Grifo da autora.) O foco narrativo oscila entre a primeira e a terceira pessoa, ambas na voz de Maria-Nova, personagem-narradora, a qual, já adulta relembra e narra fatos de sua infância e adolescência, de quando a favela ainda existia. *Becos da memória* pode ser lido como uma metáfora da história de violência da população negra no Brasil, pois a violação do direito à moradia e a obrigatoriedade de sair do seu lugar, de seu lar, impostos aos negros da favela descrita, assemelham-se aos processos das diásporas africanas.

Assim como Maria-Nova, Conceição Evaristo nasceu e viveu até a adolescência, em um morro chamado Pindura Saia, do qual os habitantes também foram retirados à força. Há nas narrativas uma revisitação aos labirintos mnemônicos para libertar as lembranças do passado no presente alterando as rotas para o futuro. Assim, o passado funciona como uma rua sem saída; becos nos quais fica

difícil a passagem, mas ao verbalizar tais memórias, esses becos são alargados, liberando-as.

Na seção *Conversa com o leitor*, da 2ª edição de *Becos da Memória*, a autora fala um pouco *Da construção de Becos*<sup>1</sup>, de quanto tempo levou para que essa obra pudesse ser publicada, deixando claro que, apesar de ter sido a primeira a ser escrita, só veio à tona após a publicação de alguns contos nos *Cadernos Negros* e do romance *Ponciá Vicêncio*. Evaristo afirma:

[...] foi o meu primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez na escrita de *Becos*, mesmo que de modo quase que inconsciente, eu já buscasse construir uma forma de *escrevivência*. (EVARISTO, 2013, p.11.)

Destarte, a construção da obra em análise é alicerçada em bases ficcionais permeada por certo teor testemunhal, pois ela une a escrita à vida, não só a de Evaristo, mas de toda uma comunidade; pode-se afirmar que a escrita de Conceição Evaristo ultrapassa e transcende a memória individual.

120

## Memória e linguagem

A memória é o fio condutor das narrativas em *Becos da memória* e um dos pontos cruciais para a análise dessa obra, o que já se percebe desde o seu título, é a partir da memória e por meio da palavra que as histórias são narradas e o passado é lembrado, visto que: “As experiências passadas mantêm-se retidas na memória e podem ser recuperadas no presente por meio da linguagem”. (OLIVEIRA, 2011, p.76.)

A experiência do desfavelamento ficou guardada na memória da narradora, como algo que precisava ser externado, para não cair no esquecimento pessoal

---

<sup>1</sup>Esse é o título da conversa: *Da construção de Becos*.

sendo revelado ao coletivo, e o foi por meio da linguagem. Maria-Nova, analisada aqui como a representação de Conceição Evaristo, usa o poder da palavra para lembrar o passado, para além de expor as narrativas desse trauma, tentar se libertar dele. Sobre tal aspecto, Beatriz Sarlo explica:

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no *comum*. (SARLO, 2007, p. 24-5. Grifo da autora.)

Maria-Nova assistia ao desfavelamento e muito dessa dolorosa experiência ficou em sua mente, não só as vivências pessoais, mas também as de outros membros da comunidade, portanto, ela precisava lembrar e narrar, por isso e para isso ela se tornou escritora, a porta-voz do morro; aquela que ocupa o lugar da enunciação. Para a narradora, lembrar foi uma forma de resistir, de reescrever aquilo que já fora apagado; de expor suas histórias e as dos seus, uma vez que: “A memória é um bem comum, um dever e uma necessidade jurídica, moral e política.” (SARLO, 2007, p. 47.)

Expulsar os habitantes da favela, negando-lhes um dos direitos básicos, a moradia, foi uma atitude amoral por parte dos responsáveis pelo desfavelamento, e Maria-Nova, à época, não podia evitar essa situação, mas ao crescer, usou a linguagem para registrar, fixar na memória literária as histórias dos que sofreram com essa imposição tão traumática, além disso, o ato de narrar/registrar lhe ajudou a se constituir enquanto ser, pois escrever tornou-se parte da identidade da narradora: mulher-negra-escritora. Sobre esse aspecto, a autora Paola Prandini afirma:

Na busca de construção de narrativas representativas de uma experiência de participação coletiva para a construção de sentidos individuais e coletivos, a linguagem é peça-chave de um processo em que, ao se autonarrar, acrescenta-se sentido ao que está sendo narrado.

Tendo como base os estudos de Bruner (2001), é pela narração que podemos construir nossa própria identidade, e assim,

entendermos o papel que cumprimos na sociedade, na cultura.  
(PRANDINI, 2018, p.76.)

Maria-Nova foi “forjada a ferro e fogo” (EVARISTO, 2013,p.108); por meio das narrativas (de outros) e das vivências (suas) tornou-se, a contrapelo, uma escritora, uma mulher de palavra com o anseio de mapear os becos mnemônicos da comunidade onde habitou na infância, revelando-os ao mundo.

O desejo de (re)contar o passado é recorrente na vida de quem cresceu escutando histórias. Maria-Nova ouvia narrativas das tias, dos tios e de outras pessoas mais velhas da comunidade. Esta prática pode ser evidenciada por meio do seguinte trecho:

Maria-Velha e Tio Totó ficavam trocando histórias, permutando as pedras da coleção. Maria-Nova, ali quietinha, sentada no caixotinho, vinha crescendo e escutando tudo. As pedras pontiagudas que os dois colecionavam eram expostas à Maria-Nova, que escolhia as mais dilacerantes e as guardava no fundo do coração. (EVARISTO, 2013, p.47.)

A contação de histórias realizada pelos mais velhos era um dos motivos que fomentava na narradora a necessidade e o desejo de um dia tornar-se escritora, contar para o mundo tudo o que ouvia, via, vivia e que ficou guardado na memória dela. O que evidencia o quão importante fora para a narradora a tradição oral, o ato de escutar os mais velhos, porquanto, a presença e a voz deles deixaram-lhe um grande legado. Citamos Ecléa Bosi:

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória. (BOSI, 1994, p. 73.)

Essa sobrevivência dos tios e tias era, de fato, o que abastecia a memória e o desejo de mudança da narradora, pois ela percebia quanto sofrimento havia nas histórias deles e desejava divulgá-las ao mundo como uma forma de registrar as dores dos seus: “Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para a sua coleção. [...] Ela haveria de recontá-las um dia.” (EVARISTO, 2013, p. 56.) A importância dos mais velhos é evidenciada em *Becos da memória* e representada por algumas personagens, uma delas é figura de Tio Totó, um

senhor com mais de noventa anos que, diante de tantas e tamanhas perdas <sup>2</sup> sempre afirmava: “Meu corpo pede terra”. (EVARISTO, p. 72.) As conversas de Tio Totó impulsionavam a narradora no desejo de mudança; elas eram sobre dores e perdas, conforme uma das falas por ele proferida:

- Estou cansado, menina! Já venho tentando viver há grande tempo, venho de duras lidas. Você se lembra da história de Negra Tuína? Quando conheci Nega Tuína, eu ainda estava de luto no corpo e na alma pela morte de Miquilina e Catita. Estava há longo tempo sem conhecer outra mulher. Ria, sorria, gargalhava alto para espantar, para debochar da dor. Era duro esquecer e aceitar que, num minuto, a vida, o rio, havia levado tudo de roldão, levado o que eu tinha de melhor de meu. (EVARISTO, 2013, p.72-73.)

Maria-Nova era a continuação de Tio Totó, por isso, as dores dele, eram também dela; quando a narradora o ouvia, era como se estivesse revivendo todo o narrado, as dores recontadas eram por ela revividas. Enquanto continuação dos seus mais velhos, a narradora apresenta o “banzo”, este, associado à oralidade, compõe a herança ancestral deixada à Maria-Nova, aos negros e às negras descendentes das populações sequestradas de África e escravizadas no Brasil. Tio Totó tornou-se um ser cheio de vazios; as perdas acumuladas ao longo de sua história deram-lhe um novo semblante, com aspectos pesados por ter recomeçado algumas vezes sempre sendo obrigado a abrir mão de suas duras conquistas, o que o transforma em um ser diaspórico, “sedento” por terra, que diante de todas as peregrinações resiste legando suas histórias, contando suas dores e as de seus antepassados, tudo isso de forma oral, na tentativa de perpetuar memórias negras.

As forçadas peregrinações para Tio Totó eram como a saída de seus ancestrais de África, e a última, a remoção da favela, para ele, já não teria sentido, visto que todas as perdas colecionadas: duas esposas, três filhos, todos os lugares nos quais morou. Tudo isso o deixou sem estímulo para seguir, para viver: “Tio

---

<sup>2</sup> Tio Totó perdeu a primeira esposa, Miquilia, e a filha, Catita ainda muito jovem ao atravessarem um rio. Anos depois perdeu a segunda esposa, Nega Tuína e os filhos gêmeos; depois disso, encontrou Maria-Velha, sua última esposa. Diante do desfavorecimento, Tio Totó resiste à saída do morro, portanto, passa a afirmar que queria morrer.

Totó envelhecia, não pelos anos passados, mas pelo tempo contado em dores que a vida ofertara para ele.” (EVARISTO, 2013, p. 121.) Toda essa dura bagagem era transmitida à Maria-Nova por meio das conversas de Tio Totó, pois como reverbera Ecléa Bosi:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados [...](BOSI, 1994, p.82.)

As conversas dos mais velhos eram de fato muito profundas e alcançavam a alma de Maria-Nova que compreendia a intensidade dessas narrativas, por isso, mesmo sem ter vivido o narrado ela conseguia entender e sentir uma dor que não era só dela e nem começava nela; uma dor e uma saudade ancestrais: “Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera” (EVARISTO, 2013, p. 91.)

Algumas vezes, os enredos contados por Tio Totó, Tio Tatão, Maria-Velha e Bondade<sup>3</sup> eram vividos por eles, já em outras situações, eram passados por meio de gerações anteriores, mas sempre repletos de muitos detalhes, fato muito intrigante, uma vez que nenhum deles recorria a livros, nem teve acesso à educação formal; tudo era narrado a partir da memória e por meio da oralidade, o que se justifica, pois: “Entre todos os povos do mundo, constatou-se que os que não escreviam possuíam uma memória mais desenvolvida”. (Amadou Hampâté Bâ, 2010, p. 207.), justamente pelo fato de não se apoiarem em recursos, a memória se desenvolveu mais.

As marcas da oralidade, em *Becos da memória*, atribuem fluidez ao texto, deixando-o mais espontâneo e próximo do que seria um bate-papo: livre para

---

<sup>3</sup> Personagens que narravam histórias orais para Maria-Nova.

lançar mão de recursos que contribuem para a verossimilhança das expressões de sentimentos e descompromissado com formalidades. Os excertos a seguir demonstram tais características: “A menina crescia. Crescia violentamente por dentro. Era magra e esguia. Seus ossinhos do ombro ameaçavam furar o vestidinho tão gasto. Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e a fogo.” (EVARISTO, 2013, p.108.), e ainda:

Totó chegou são, salvo e sozinho [...] O rio estava bebendo tudo que encontrava pelo caminho. Pedras, paus, barrancos, bichos, gente, e gente e gente...  
O rio, como a vida, levava tudo de roldão. Levava rápido, era só Deus piscar os olhos, deixar de vigiar a gente um tiquinho só e o rio vinha bebendo, engolindo tudo. (EVARISTO, 2013, p.44.)

O uso do diminutivo, no primeiro trecho, enfatiza a conotação afetiva das lembranças, já, no segundo, a prosopopeia intensifica a elaboração da imagem do narrado. E em ambos, a aliteração atribui ritmo à leitura. Estes trechos também evidenciam, de maneira geral, o teor poético da escrita de Conceição Evaristo.

A oralidade expressa na prosa dessa autora se desabrocha em poesia, a qual associada à sensibilidade do leitor pode lhe atribuir a sensação de que a palavra (quase) se concretiza, dada sua potência e seu poder imagético. A força, a beleza e a fluidez da linguagem usada na obra em análise auxiliam na recriação dos cenários, dos becos de uma favela que o leitor talvez desconheça, mas pode acessar por meio das imagens construídas.

Ainda que o texto de *Becos da memória* seja um registro escrito, as marcas da oralidade presentes nele são intensas a ponto de atribuir-lhe esse caráter tátil e uma mobilidade própria da poesia, pois como Conceição Evaristo afirma: “a escrita é [...] o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo.” (EVARISTO, 2005, p. 202.) É a autora quem escreve quem inventa essa senha, mas o acesso e a concessão dessa dança ficam (também) a cargo e a critério do leitor.

Em *Becos da memória*, outro exemplo de expressão oral são os constantes usos de ditos populares, como o “*Mais vale um cachorro amigo do que um amigo cachorro*” (EVARISTO, 2013, p. 32 - Grifo da autora.) É importante ratificar a oralidade como mecanismo facilitador da (re)criação dos cenários fornecendo ao leitor, meios mais espontâneos para visualizar o descrito. O uso da oralidade e suas consequências aproximam a forma narrativa de Conceição Evaristo à de um contador de histórias africano, pois como elucida Hampaté Bâ no texto *A tradição viva*:

Uma das peculiaridades da memória africana é reconstruir o acontecimento ou a narrativa registrada *em sua totalidade*, tal como um filme que se desenrola do princípio ao fim, e fazê-lo *no presente*. Não se trata de recordar, mas de trazer *ao presente* um evento passado do qual todos participam, o narrador e a sua audiência. Aí reside toda a arte do contador de histórias. Ninguém é contador de histórias a menos que possa relatar um fato tal como aconteceu realmente [...] De maneira geral, a memória africana registra toda a cena: cenário, os personagens, suas palavras, até os mínimos detalhes das roupas.

(Amadou Hampaté Bâ, 2010, p. 208 - Grifos do autor.)

Esse “trazer ao presente” de que trata Hampaté Bâ, encontra-se bem marcado na obra em análise; Evaristo consegue (re)criar, de forma nítida, os cenários, as personagens, os diálogos e as tramas, “trazendo ao presente” elementos que já não existem mais, pois além de se encontrarem em um tempo distante - passado- foram desfeitos fisicamente, porquanto a favela descrita existiu de fato e fora destruída o que torna ainda mais necessária essa rememoração como forma de perpetuar esse território apagado de forma traumática, não só o lugar, mas também as relações ali se estabelecidas.

Para Maria-Nova (e para Conceição Evaristo) lembrar foi uma necessidade “de e para” registrar, relembrar lugares tão importantes, mas inexistentes, fisicamente; evidenciando que “a rememoração do passado [...] não é uma escolha, mas uma condição para o discurso, que não escapa da memória nem pode livrar-se das premissas impostas pela atualidade à enunciação.” (SARLO, 2007, p. 49.) Lembrar/escrever foi, não só uma forma de homenagear os

moradores do Morro do Pindura Saia, mas também de eternizá-los; além disso, as duas escritoras fortaleceram suas identidades por meio do fazer literário, como afirma Regina Dalcastagnè:

Escrever [...] também pode ser uma maneira de reafirmar sua presença no mundo. Colocar-se em palavras seria uma forma de ser alguém, de participar de uma coletividade marcada pela escrita e, ao mesmo tempo, ser reconhecido como indivíduo, portanto, único. Quando Conceição Evaristo publica *Becos da memória* (2006), são pessoas como sua mãe que ela pretende resgatar e, de algum modo, inscrever na memória da cidade. (DALCASTAGNÈ, 2015.)

Relembrar e escrever para ser e para eternizar os seus era de fato um dos preceitos de Maria-Nova. E para Evaristo, essa também foi uma forma de lidar com o trauma do desfavelamento, esse pode ser considerado uma grande agressão, conforme o depoimento dela em um dos retornos a Belo Horizonte, exatamente no local onde era a favela na qual ela viveu a infância:

Eu digo com muita veemência, na verdade este espaço é meu; é meu não, é nosso! É de toda uma comunidade que viveu aqui...Na medida em que as nossas vidas, todo o princípio de nossa vida, está plantado aqui. Eu sinto que toda uma geografia afetiva que me pertencia dentro deste espaço, toda essa geografia afetiva foi agredida. Uma das sensações que eu tenho quando estou neste espaço, quando eu ando em Belo Horizonte e vejo uma cidade tão modificada, é como se o meu corpo, fisicamente tivesse sido agredido. (EVARISTO, 2017.)<sup>4</sup>

Nota-se, na convicção dessa fala, uma sensação de traição, como se a cidade com suas intensas mudanças tivesse traído aqueles que, com muita dificuldade, iniciaram suas vidas ali (no morro) e dali foram expulsos. Percebe-se também um sentimento de pertencimento da autora em relação ao espaço; ela sentiu a perda física e as afetivas. Além de comprovar o quanto a destruição da favela fora agressiva para os moradores, esse trecho também evidencia o entrelaçamento entre os tempos do agora e do que já fora. Ao enunciar esse depoimento, Evaristo usa o verbo “ser” no presente, para se referir a um

<sup>4</sup> Depoimento concedido ao projeto “Itaú cultural” (Ocupação - Conceição Evaristo). Publicado em 03 de maio de 2017.

passado. A favela já não existe, porém, a autora ainda sente que aquele território a pertence, (a ela e aos coabitantes).

### Presente e passado: tempos do narrar

O presente, tanto para a escritora como para a personagem-narradora, é o momento da enunciação; é quando todo o narrado já aconteceu, já faz parte de outro tempo, mas esse presente não se isenta de deixar suas marcas, como aconteceu no depoimento da autora e como acontece na narração de Maria-Nova. Nesse sentido, citamos Sarlo:

O presente da enunciação é o “tempo de base do discurso”, porque é o presente o momento de se começar a narrar e esse momento fica inscrito na narração. Isso implica o narrador em sua história e a inscreve numa retórica da persuasão (o discurso pertence ao modo persuasivo, diz Ricoeur). Os relatos testemunhais são “discurso”, nesse sentido, porque têm como condição um narrador implicado nos fatos, que não persegue uma verdade externa no momento em que ela é enunciada. É inevitável a marca do presente no ato de narrar o passado, justamente porque, no discurso, o presente tem uma hegemonia reconhecida como inevitável e os tempos verbais do passado não ficam livres de uma “experiência fenomenológica” do tempo presente da enunciação. (SARLO, 2007, p.48-9).

128

Embora o narrado tenha ocorrido no passado, a narração dele se dá no *hoje*, em um tempo no qual o *ontem* já não impera, pois já passou, dando espaço ao presente que rege. Em vários momentos, Maria-Nova, mesmo narrando seu passado, guia-se pelo tempo atual, trazendo a ele sensações, sentimentos, pessoas, histórias..., fundido passado e presente, como no excerto: “hoje quando penso em Vó Rita, é como se pensasse no mistério da vida” (EVARISTO, 2013, p.99). Nesse caso, a narradora já não estava no tempo da infância, mas Vó Rita também não estava no da enunciação, portanto a necessidade de trazer esta ao hoje foi intensa.

A relação *passado-presente* faz-se necessária ao rememorar, pois para recordar é necessário o *já vivido* e o *agora*; nesse movimento de *vem-e-vai* entre passado

e presente, as lembranças atuam de forma intensa e insistente, conforme explica Sarlo:

[...] Vinda não se sabe de onde, a lembrança [...] obriga a uma perseguição, pois nunca está completa. A lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável (em todos os sentidos da palavra). Poderíamos dizer que o passado *se faz presente*. E a lembrança precisa do presente [...] (SARLO, 2007, p.10- Grifo da autora).

Constata-se que, para quem narra reminiscências, lembrar não é uma escolha, dada a insistência da lembrança. Ademais, Sarlo evidencia a alternância entre os tempos, o ato de revisitar no presente o passado, que Hampatê Bá também propõe, como uma necessidade de quem rememora e registra suas memórias.

Toda vez que as lembranças visitam o presente, se ganha força para alterar as predestinações; é como uma força motriz que ao ver toda a dificuldade passada, impulsiona mudanças presentes com consequências futuras. Maria-Nova, por meio da escrita, (portanto palavra e memória) pôde mudar aquilo que lhe era imposto como fluxo natural da história. Sendo ela uma menina, preta, pobre e favelada, a sociedade não lhe proporcionava direitos básicos, tampouco a chance de ser uma escritora, como afirma Mirian Cristina dos Santos:

[...] a narradora [Maria-Nova] faz da escrita uma ferramenta subversiva, saindo de um lugar de gênero e etnia predeterminado às mulheres negras - domésticas, faxineiras e diaristas - e ocupa um lugar considerado como detentora do “saber”, ou seja, se estabelece como uma mulher letrada. (SANTOS, Mirian Cristina, 2018, p. 111).

### **Lembrar, registrar, mudar**

Mesmo não tendo as ferramentas para se tornar intelectual, a personagem-narradora seguiu guardando em seu baú mnemônico todas as narrativas vistas, vividas e ouvidas dos mais velhos, certa de que um dia poderia escrevê-las, certa de que alteraria a sua sina-rota, conforme o seguinte trecho:

Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. *Um dia*, não se sabia como, ela haveria de contar tudo ali. Contar histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e histórias que ouvia [...] Histórias boas, alegres e tristes eram as de Tio Totó e da Tia, Maria-Velha. Aquelas histórias ela colecionava na cabeça e no fundo do coração, aquelas ali haveria de repetir ainda. (EVARISTO, 2013, p. 49. Grifo nosso.)

*Becos da memória* não conta em detalhes a fase adulta de Maria-Nova, mas sua voz ecoa enquanto narradora já não mais adolescente e sim adulta, portanto, pode-se afirmar que esse “sentimento estranho” povoou as páginas do livro em análise e a menina, ouvinte das histórias, passou também a contá-las, as suas e as dos outros.

A expressão em destaque -“Um dia”- faz menção ao futuro, não é apenas uma hipótese, Maria-Nova de fato acreditava na possibilidade de recontar essas histórias, portanto as ouvia sempre atenta a fim de conservar as informações e também para mover-se a esse tempo que estava por vir, pois “a conservação da memória encontra sua durabilidade nas construções discursivas que revivem o processo contínuo e significativo do tempo passado e que direta ou indiretamente interferem no futuro.” (OLIVEIRA, 2015, p. 91.) As lembranças de Maria-Nova estavam conservadas em sua memória, pois ela tinha o intuito de registrá-las no papel. Ao elaborar esse registro, a narradora não só revive o lembrado como deixa de ser apenas alguém que viveu, para se tornar também a enunciadora, colocando-se ao lado dos seus mais velhos, ao lado de Tito Totó, Tio Tatão, Maria-Velha e Bondade. Maria-Nova é a continuação dos seus; ela seguiu recontando as histórias contadas por eles, e contando outras a partir de suas novas experiências, porém, a narradora adicionou o registro escrito ao oral, pois ela “parece saber que é preciso algo mais que a lembrança para que algo permaneça. É preciso o registro dessa existência” (DALCASTAGNÈ, 2015.) Para romper com as imposições sociais que dificultavam a chegada de Maria-Nova ao lugar de escritora ela enfrentou muitos percalços, porquanto para as

crianças de uma favela, no final dos anos 50<sup>5</sup>, a educação formal era de difícil acesso, mas sua persistência a fez aprender a ler, a ser crítica e a acreditar na sua capacidade para escrever um enredo diferente rompendo a estatística da baixa escolaridade que assola a população negra.

Para Maria-Nova, a leitura tinha um grande e importante significado. Mesmo diante da iminência de desocupação da favela, a narradora ia para a escola, ainda que as histórias lá narradas não a incluíssem ou apresentassem versões distantes das reais, daquelas conhecidas e vivenciadas por ela que persistia e mostrava-se cada vez mais crítica diante dessa realidade, conforme trecho narrando um de seus dias na escola:

Na semana anterior, a matéria estuda em História, fora a “Libertação dos Escravos”. Maria-Nova escutou as palavras da professora e leu o texto do livro. [...] Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. [...] Tinha para contar sobre uma senzala que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. [...] Eram muitas as histórias, nascidas de uma outra História [...]

Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente. (EVARISTO, 2013, p. 209-211.)

Diante da história dita oficial e ensinada na escola, a narradora teria muito a falar, muito a revelar, pois conhecia bem a versão escondida pelos livros escolares; sabia bem o “faz de conta” subentendido na suposta “libertação” dos negros escravizados; entendia que caso contentasse apenas com as migalhas fornecidas pela sociedade, a história se repetiria sem grandes alterações, pois “[...] o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas no fundo, a miséria era a mesma. (Ibidem p. 91.)”, mas ela “agia querendo construir uma nova e outra História” (EVARISTO, 2013, p. 210.)

---

<sup>5</sup> Tal data é apresentada com base na adolescência da escritora, a qual tem na presente análise Maria-Nova como sua representação.

e foi assim que ela sentiu sua abnegação em ser objeto de narrativas alheias, forjadas e superficiais; nasceu-lhe, então, o desejo de (re)contar seus próprios enredos, de ocupar seu lugar enquanto escritora de sua história.

### “Terceirização” do discurso

“Trazer ao presente” aqui não implica apenas em resgatar um evento antigo, mas também em proporcionar um encontro pessoal do outrora vivido com ora narrado, da menina-personagem que viveu com a mulher-enunciadora que narra. Fato compositor de uma transposição de vozes no romance, pois o foco narrativo fragmenta-se em dois tempos, fazendo-se ouvir tanto no passado quanto no presente. A narradora, já adulta, traz a adolescente, Maria-Nova, para o tempo da enunciação, colocando-se como outro ser, falando de si, mas usando, para isso, além da primeira, a terceira pessoa, como se pode notar por meio dos verbos e dos pronomes no trecho:

[...] a oração que Maria-Nova mais gostava era a *Salve-Rainha*. Havia partes da oração em que ela via todo seu povo, em que ela reconhecia o brado, as tristezas, os sofrimentos contidos nas histórias de Tio Totó, nas de Maria-Velha e nas histórias que Bondade contava. Ela conhecia e reconhecia os personagens. A oração podia ser aplicada a vida de todos e à sua vida: “A vós *bradamos os degredados filhos de Eva*. Por vós suspiramos neste vale de lágrimas [...]”.

Ela via ali, em coro, todos os sofredores, todos os atormentados, toda a sua vida e a vida dos seus. (EVARISTO, 2013, p. 67 - Grifos da autora.)

O uso da terceira pessoa ao falar de si configura um distanciamento que pode permitir mais neutralidade para revelar assuntos dolorosos abarcados por tais lembranças, é o “princípio de distância”, expressão cunhada por Beatriz Sarlo chama. Para essa pesquisadora, a terceira pessoa é um compromisso com o específico da situação e não simplesmente com o teor individual dela. (SARLO, 2007, p. 52-3.) Porém, ser neutro, nesse aspecto, não significa torna-se alheia a questões pertinentes à comunidade.

Ao falar de si sem empregar a primeira pessoa do singular, Maria-Nova se distancia do cunho pessoal aproximando-se da coletividade - característica marcante na favela descrita- imbuída nas outras pessoas do discurso, porquanto narrar memórias de sua infância na terceira pessoa é afirmar: outras meninas-mulheres-negras apresentam histórias semelhantes, por isso as dores contadas pela narradora-personagem não são apenas dela e de Conceição Evaristo, são de muitas outras Marias que como elas foram relegadas a não-lugares. O foco narrativo na obra em análise não se restringe a lembranças individuais, trata-se também da memória coletiva, pois: “lembrar significa recuperar as experiências individuais e coletivas.” (OLIVEIRA, 2011, p.32.)

Ao narrar, a lembrança pode provocar dor e tristeza, como a própria narradora afirma: “Hoje a recordação daquele mundo, me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez!” (EVARISTO, 2013, p.29). Tal excerto não ilustra o uso da terceira pessoa, mas evidencia o quanto tais memórias podem sensibilizar e perseguir - do passado ao futuro - quem as detém, portanto, narrá-las em terceira pessoa ameniza, pois se acredita não ser mais o *eu* quem fala; forja-se a ideia de que já não são as próprias recordações e sim de *outrem*, uma vez que: “O sujeito que fala é uma máscara, ou uma assinatura.” (SARLO, 2007, p.33). Em *Becos da memória*, esse sujeito da enunciação, ora se mascara em outras faces, falando como “ela”, ora se assume e assina usando o “eu”.

Maria-Nova desejava perpetuar as narrativas que ouvia dos mais velhos e o fez. Porém, para ter mais amplitude ela as registrou, passou para o papel, mantendo nesses registros as marcas da oralidade. Há em *Becos da memória* o respeito e a riqueza na mistura entre oralidade e escrita. A força da palavra de Conceição Evaristo ecoa com espontaneidade, ritmo e métrica, desenhando textos que mesmo sendo escritos não perdem o poder da fala; a escrita dessa autora une tradição oral e registro, memória e criação espontânea.

### Algumas considerações

**“É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos!”**

Maria-Nova e Conceição Evaristo escreveram enredos diferentes daqueles impostos pela sociedade à população negra. Elas (re) conquistaram, com muita determinação, lugares, direitos negados a mulheres negras. Todavia, antes e além de tais conquistas, essas duas mulheres-palavras respeitaram o ato de ouvir, mecanismo de extrema importância para a manutenção da memória negra.

Antes de se tornarem enunciadoras, narradora e autora foram ouvintes. Maria-Nova soube, pacientemente, escutar seus mais velhos, respeitando-os com seu silêncio-dor de adolescente que ainda não entendia, mas sentia tudo de forma muito intensa; antes de conquistar o lugar de escritora, Conceição Evaristo soube ouvir “os gemidos-dores” de seus ancestres. Antes da conquista do “lugar de fala”, as duas passaram, respeitosamente, pelo “lugar da escuta”, para assim, perpetuarem a memória de seus mais velhos.

134

Para falar é preciso ouvir! É difícil imaginar alguém que fale de forma sábia e sensata sem ter conhecimento. A narradora-personagem só se tornou escritora depois de conhecer as histórias dos seus, as suas histórias; após ouvir sobre suas origens ela conseguiu dar continuidade nas narrativas. Tio Totó, Tia Maria-Velha e Tio Tatão, afirmavam constantemente ser Maria-Nova a continuação deles, conforme ilustra o trecho:

Tio Tatão dizia que as pessoas morrem, mas não morrem, continuam nas outras. Ele dizia também que ela precisava se realizar. Deveria buscar uma outra vida e deixar explodir tudo de bom que havia nela. Um dia ele disse quase, como se estivesse dando uma ordem (Tio Tatão era nervoso, neurótico de guerra):

-Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. *É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos.* (EVARISTO, 2013, p. 155-156. Grifos nossos.)

Maria-Nova atendeu a recomendação de Tio Tatão e se fez ouvinte, ainda que para isto seu “peito arrebetasse de dor” ao ouvir os as dores dos seus mais velhos. A enunciação da narradora-personagem são palavras-eco reverberando vidas-vozes silenciadas durante gerações. Na voz da narradora, muitas e muitos são alforriados e se realizam como Tio Tatão afirmou, mas isso só ocorre, porque antes dessa fala houve o silêncio, ela ouviu as contações dos que vieram antes, guardou na memória e as registrou por meio da literatura; é justamente o que ocorre com a autora, de acordo a sua afirmação na abertura de outra obra:

Acato as histórias que me contam. [...] Assim caminho por entre vozes. Muitas vezes ouço falas de quem não vejo nem o corpo. Nada me surpreende do invisível que colho. Sei que a vida não pode ser vista só a olho nu. De muitas dessas histórias já sei, pois vieram das entranhas do meu povo. O que está guardado na minha gente, em mim dorme um leve sono. E basta apenas um breve estalar de dedos, para as incontidas águas da memória jorrarem os dias de ontem sobre os dias de hoje. Nesses momentos, em voz pequena, antes de escrever, repito intimamente as passagens que já sei desde sempre. Não de me perguntar: por que ouço então outras vozes se já sei. Ouço pelo prazer da confirmação. Ouço pela partição da experiência de quem conta comigo e comigo conta. (EVARISTO, 2017, p. 17b.)

As vozes que falam nas narrativas de Conceição Evaristo ecoam de suas escutas do passado e do presente, pois “elas recolhem em si as vozes mudas, caladas, engasgadas nas gargantas” dos negros e das negras silenciadas durante muito tempo.

## Referências

Amadou Hampâté Bâ. A tradição viva, in História Geral da África, volume I. Editora Ática pela Unesco. p. 167-209. Capítulo 8. Disponível em <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod\\_forum/intro/ham\\_pate\\_ba\\_tradicao%20viva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/ham_pate_ba_tradicao%20viva.pdf)>. Acesso em 05 de janeiro de 2019.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: Lembranças dos velhos. 3 ed. São Paulo: companhia das Letras, 1994.

CUTI. Conceição nos Cadernos Negros. [s.d]. Disponível em: <  
[http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-  
evaristo/escrevivencia/?content\\_link=5](http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/?content_link=5)> Acesso em: 01 fev. 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. Mulheres negras e espaço urbano na narrativa brasileira contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virginia Maria Vasconcelos (Orgs). Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea. Porto Alegre: Zouk, 2015.

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. - 2.ed.- Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017a.

EVARISTO, Conceição. Histórias de leves enganos e parecenças. Rio de Janeiro: Malê, 2017 b.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 212.

SARLO, Beatriz. Tempo passado cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Águiar. São Paulo: Companhia das Letras. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

136

OLIVEIRA, Jurema. (Org.) Africanidades e brasilidades: culturas e territorialidades. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015.

OLIVEIRA, Jurema José de. No limite entre a memória e a história: a poesia. Vitória: EDUFES, 2011.

PRANDINI, Paola. A cor na voz: identidade étnico-racial, educação e histórias de vida. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

SANTOS, Mirian Cristina. Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

Recebido em: 09 de maio de 2019.  
Aprovado em: 28 de novembro de 2019.